

Simpósio Reforma Agrária e questões rurais: políticas públicas e caminhos para o desenvolvimento

NUPEDOR/UNIARA

AGROECOLOGIA: seguindo a trilha da filosofia da práxis

Wilson Mazalla Neto¹

Sonia Maria P. P. Bergamasco²

A Agroecologia vêm se destacando, na última década, como base teórico-metodológica de um novo paradigma de organização social e relações de produção para o campo e têm alimentado muitas reflexões, espaços de formação e experiências práticas no âmbito da agricultura familiar e da extensão rural. Constituem iniciativas que se opõe a degradação ambiental e a exploração dos trabalhadores rurais. Para aportar o desenvolvimento sustentável a Agroecologia, traz embutida a lógica de permanência na terra e as práticas de conservação ecológicas, ancorada na abordagem da ciência que integra conhecimentos acadêmicos variados e saberes tradicionais. Experiências concretas que disseminam experiências de organização política e produtiva por vezes como manifestação da resistência camponesa e em outros casos organizada em torno dos movimentos sociais.

Neste sentido esse trabalho busca discutir a hipótese na qual a experiência social da Agroecologia poderia estabelecer uma aproximação entre as esferas da construção produtiva/econômica e cultural nas perspectivas trabalhadas por Antonio Gramsci. Poder-se-ia, então, nessa hipótese olhar a Agroecologia dentro do contexto de disputa hegemônica, se colocando como guerra de posição distanciando o estado e o sistema política como arenas exclusivas e nem principais de disputa de poder. Em suas experiências práticas de organização, a Agroecologia disputa o poder entrincheirado na sociedade dentro do agronegócio e resignifica relações sociais na agricultura e no campo. É possível que neste caso cultura possa ser trabalhada como transformação social na perspectiva de uma aproximação dialética entre infraestrutura e super-estrutura, identificando construções alternativas e elementos para uma reforma intelectual.

Para Sevilla Guzman (2001), um dos principais quadros intelectuais do pensamento e Agroecologia, a noção de modernização dissemina uma aliança entre o desenvolvimento

¹ Doutorando em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável; Feagri/UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), wmazalla@yahoo.com.br

² Professora Doutora da Faculdade de Engenharia Agrícola/UNICAMP, sonia@agr.unicamp.br

econômico e democracia permeados por uma naturalização da evolução social. Nesta visão tanto o Estado quanto a Economia seriam guiados por leis funcionais automáticas à sociedade neutras e auto-referenciadas, mascarando, o que na verdade, se engendrava socialmente como avanço das forças produtivas, aumento da produtividade do trabalho e a implementação de poderes políticos centralizados.

O crescimento econômico apregoado para o bem comum têm causado cada vez mais uma fratura social entre ricos e pobres no que se refere ao bem estar. A acumulação desses benefícios da produção material e do crescimento econômico se dão em circunstâncias as quais geram mais desigualdades e que são automaticamente legitimadas pela democracia capitalista. SEVILLA GUZMAN (2001).

Para o autor a Ciência e tecnologia ocupam papel central neste processo, pois através de leis próprias seguindo a funcionalidade e eficiência, teriam o papel de controle da marcha das relações sociais, legitimariam a dominação e transcendência da natureza pelo homem.

Então para o autor essa ética tecnocrática se justificaria por si mesma, nas configuração produtivas e tecnológicas e serviriam para justificar o arranjo tecnológico opressor.

“...na sociedade capitalista pós industrial a consciência tecnocrática desenvolvida pela ideologia científica dilui a relação capital trabalho reinterpretando através de uma ilusão racionalizadora a exploração e a opressão” SEVILLA GUZMAN (2001).

Nesta perspectiva se intensificam os processos de privatização, mercantilização, e cientificação dos bens naturais comuns. Os processos físico-químicos e biológicos são artificializados e o manejo dos recursos naturais são controlados por técnicas industriais e assim rompem com a reprodução dos ciclos e trocas da biosfera. De forma mais prática o solo em sua dimensão biológica perde a noção de vida e fertilidade e passa a ser enxergado como um substrato inerte para adição de sintéticos químicos para a produção de alimentos.

Para Sevilla Guzman (2001) a intensificação da apropriação privada das terras e sua mediação como mercadoria levou a concentração em grandes agentes agroindustriais deslocamento das propriedades da agricultura familiar e a implementação da agricultura industrializada insumos sintéticos externos e energias não renováveis.

“a lógica da natureza e substituída pela industrial regida pelo mercado e a obtenção de lucro por parte das empresas multinacionais e dos bancos especuladores, que adquirem uma dimensão hegemônica através da globalização” SEVILLA GUZMAN (2001).

Vale ressaltar que frente ao quadro atual de degradação ambiental dos solos, ar água as estruturas globais de poder estão articulando os estados centrais do capitalismo através de suas organizações transnacionais como o banco mundial e o fundo mundial internacional. Tem-se apresentado, então, um discurso ecotecnocrático onde a sustentabilidade seria atingida pela aplicação da ciência convencional e da tecnologia industrial para solução dos problemas ambientais. SEVILLA GUZMAN (2001).

Cenário claramente impossível dentro de um processo globalizado de produção, distribuição e consumo, onde esses processos são especializados e segmentados. Porém, em geral, obtém sucesso em manter a alienação da população mundial frente esse movimento e a destruição natural e da vida selvagem se estendem diante de nossos olhos. O processo globalizado, assim, num aspecto mais grave, promove a deterioração, as vezes de forma irreversível da bases renováveis de recursos naturais.

Gramsci, que obviamente não refletiu sobre Agroecologia, ao se preocupar com as situações de opressão e exploração busca estudar os caminhos da transformação social, o reflete sobre do papel das massas, das sociedades enquanto sujeito coletivo neste processo, desta forma, traz contribuições caras a Agroecologia enquanto movimento real no campo da cultura que se coloca crítica a hegemonia no rural.

Ele então afirma que todos homens são filósofos já que nas mais simples manifestações de uma atividade intelectual qualquer, na linguagem, nas expressões do cotidianos estão contidas uma determinada concepção de mundo, que se expressa, por sua vez concretamente, em sua ação prática. Porém, para um sentido desejado de emancipação, de encontro da verdade e liberdade na transformação enquanto fato social e histórico, essa elaboração filosófica e intelectual, deve ser própria, uma concepção de mundo crítica e consciente. O sujeito individual simplório ou coletivo enquanto massa passa a participar ativamente na produção da historia do mundo “ser o guia de si mesmo e não aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade” (Gramsci, 1978, pg 12). Seria, então, necessário construir uma nova cultura, expressão da consciência crítica do

mundo e isso se inflige através da implementação da filosofia da práxis em sua expressão mais dialética. (GRAMSCI, 1978).

A “filosofia” (enquanto concepção de mundo) de uma época seria a combinação das filosofias dos filósofos individuais, de grupos intelectuais e a filosofias das massas populares e nessa interação constrói-se a ação coletiva que se torna história concreta e integral e assim, história e filosofia compõe um “bloco” já que são inseparáveis. Essa filosofia ensina que não existe uma realidade em si mesma, e por si, mas sua relação histórica com os homens que a modificam e que o pensamento desses homens, como concepção de mundo, modificam a maneira de estar e sentir no mundo e assim a própria realidade. Nega desta forma o caráter criativo de uma filosofia individualista, essa relação entre filosofia e mundo real só pode ser tratada em termos de história e sociedade. O senso comum é o lastro histórico da filosofia, pois a filosofia enquanto visão de mundo existe enquanto concepção do conjunto da sociedade e das massas, de outra forma ele só existe no papel e na mente de quem a construiu. (GRAMSCI, 1978).

Neste sentido a filosofia da práxis como concepção de mundo significa luta cultural para transformação social na medida em que busca aproximar teoria e prática na concepção de mundo popular, ou seja, no conjunto da sociedade, na totalidade das massas, na marcha da história e assim, dialeticamente transforma a realidade, a vida e a própria história. Se para o homem ser, ele precisa pensar, sentir e se mover em atos concretos, é a cultura que de certa forma unifica essas relações entre indivíduos em vários níveis desse compartilhar. Operam então, ao mesmo tempo, a dialética individuo-coletivo por meio da cultura, e a dialética entre teoria e prática através da práxis filosófica.

“Disto se deduz a importância que tem o “momento cultural” também na atividade prática ‘coletiva’: todo ato histórico não pode deixar de ser realizado pelo ‘homem coletivo’, isto é ele pressupõe a obtenção de uma unidade cultural social pela qual uma multiplicidade de vontades desagregadas, com fins heterogêneos se solidificam na busca de um mesmo fim, sobre a base de uma idêntica e comum concepção de mundo (geral e particular, atuando transitoriamente - por meio da emoção - ou permanentemente, de modo que a base intelectual esteja tão radicada, assimilada e vivida que possa se transformar em paixão)” (GRAMSCI, 1978).

Em Gramsci (1978), então a filosofia da práxis atuaria forjando um bloco intelectual-moral, que tornaria politicamente possível um progresso intelectual de massa e não apenas de pequenos grupos intelectuais. Quando o homem ativo de massa atua na realidade ele infringe um conhecimento prático do mundo na medida em que o transforma. Porém sua reflexão teórica pode estar em contradição se ela não for sistematizada e organizada numa prática intelectual, assim se afirma a filosofia, não enquanto o indivíduo filósofo esclarecedor, mas enquanto função, atividade humana necessária para a reflexão sistêmica e histórica no processo de construção da ‘natureza’ humana. Neste sentido, a consciência de fazer parte de uma determinada construção hegemônica é um primeiro e relevante momento onde teoria e prática se unem na construção da autoconsciência, e os homens tomam conhecimento dos conflitos da estrutura no terreno das ideologias e na práxis intelectual desse encontro podem mudar a realidade.

“A compreensão crítica de si mesmo é obtida, portanto através de uma luta de “hegemonias políticas, de direções contrastantes, primeiro no campo da ética, depois da política, atingindo, finalmente, uma elaboração superior da própria concepção do real” (Gramsci, 1978, pg. 21).

Para Sevilla Guzman (2001) a Agroecologia não é um mero instrumento metodológico para compreender a dinâmica dos sistemas agrários e resolver problemas técnico-agronômicos que as ciências agrárias convencionais não têm dado resposta. Nessa abordagem relega-se resolver questões relativas as propriedades específicas e da técnica aplicada pontualmente. O autor chama essa perspectiva de “Agroecologia fraca” que pouco se diferencia da agronomia tradicional e uma ruptura parcial com as visões tradicionais da ciência ao invés de dialogar com soluções globais e comprometidas sociambientalmente.

Para superar essa questão se torna essencial o diálogo entre teoria e práxis, pois só através dele a dimensão social da Agroecologia se consolida nas propostas técnicas materializadas na ação social concreta dos agricultores. Então, traz uma abordagem crítica do pensamento científico modificando-o a prática na realidade como uma perspectiva epistemológica. Se a análise do agroecossistema é permeada obrigatoriamente pelas variáveis sociais, o pesquisador tem que dialogar em pé de igualdade com conhecimento local gerado pelos agricultores derrubando desde um processo epistemológico a natureza de objeto estudado dos agricultores, sendo esse na assim, o núcleo central do desenho e tomada de decisões dos agroecossistemas. SEVILLA GUZMAN (2001).

Do ponto de vista da solução dos problemas ambientais a ciência ecotecnocrática reivindica a objetividade, a neutralidade cultural, e a natureza universal como elementos centrais na pesquisa. Porém, quando aplica as praticas generalistas de artificialização dos recursos naturais na agricultura pouco pode responder a essa questão que se refere a inter-relação com a natureza o contexto biofísico específico, quanto a cultura.

Esse contexto esta presente nos sistemas de conhecimento local, mas os donos da estrutura global de poder político e econômico que financiam a pesquisa e extensão através dos argumentos da universalidade o negam como válidos. A Agroecologia, então, se entende neste processo de construção de mecanismos de defesa do conhecimento local, que não consiste apenas em investigar os aspectos técnicos do potencial endógeno, mas também envolver-se na lutas políticas e éticas dos grupos locais que buscam controle dos recursos sobre sua identidade. SEVILLA GUZMAN (2001).

Para o autor a análise da Agroecologia parte da unidade produtiva de onde se pretende entender as múltiplas formas de dependência sobre o agricultor, porém também na sua matriz comunitária, ou matriz sócio-cultural que se compõe moldada por um práxis intelectual e política da sua identidade local e rede de relações e a partir dessas relações um processo de transformação das formas de dependência anteriormente estabelecidas.

A Agroecologia se coloca, assim, como a utilização de experiências produtivas para elaborar propostas de ação social coletiva que desvelem a lógica depredadora do modelo produtivo agroindustrial hegemônico para outro que aponte para uma agricultura socialmente mais justa, economicamente viável e ecologicamente apropriada.

A Agroecologia pode ser então definida

“...formas de ação social coletiva que representam alternativas ao atual modelo de manejo industrial dos recursos naturais, mediante propostas, surgidas de seu potencial endógeno, que pretendem um desenvolvimento participativo desde os âmbitos da produção e circulação alternativa de seus produtos, buscando estabelecer formas de produção e consumo que contribuem para enfrentar a crise ecológica e social e como ele enfrentar o neoliberalismo e a globalização econômica. SEVILLA GUZMAN (2001).

Sua abordagem apresenta uma natureza sistêmica na medida em que parte da área familiar, da organização das comunidades rurais em torno dos marcos de ação social das

comunidades rurais na sociedade, articulados em torno da dimensão local. Assim, temos os sistemas de conhecimento local dos agricultores e agricultoras como potencializadores das biodiversidades ecológica e sócio cultural em suas experiências produtivas. Pode-se entender então esse movimento como um processo de ações político- produtivas. SEVILLA GUZMAN (2001).

Altieri e Toledo (2011) defendem que as iniciativas agroecológicas buscam superar os sistemas de produção agroindustrial de biocombustíveis e cultivos de exportação baseados em combustíveis fósseis e estabelecer as bases da agricultura local de produção nacional de alimentos por camponeses e agricultores familiares a partir dos recursos naturais locais e energia solar.

Nesse processo de resistência os movimentos sociais atuam nas esferas de produção e circulação construindo experiências concretas alternativas e neste processo de resistência produzem uma práxis intelectual e política que se aponta nas formas de consciência como a consciência de classe, de identidade, de gênero e de exploração geracional e de espécie. SEVILLA GUZMAN (2001).

A Agroecologia, então, se coloca como movimento político organizado no campo da cultura, pois reconhece a hegemonia estabelecida pelo capitalismo agrário, ou mais comumente conhecido como agronegócio, e se propõe a enfrentá-lo conscientemente. Faz essa disputa hegemônica forjando uma práxis no campo inovadora, na medida em que essa prática social concreta, em termos de relações de produção, da família, das relações entre os homens, é construída e refletida a partir da crítica a ideologia do capital agrário vigente, e faz uma formulação intelectual de concepção de mundo de novo tipo de base popular e coletiva que se baseia na história.

Como reflete uma ideologia enfrentando conscientemente a ideologia que os oprime e explora a agroecologia, claramente com limitações, impulsiona a filosofia da práxis na medida em que constrói alternativas concretas no campo que transformam o mundo da vida em conexão orgânica e dialética com a formulação intelectual coletiva de emancipação. É claro que este evento social ocorre num recorte específico do território e atua sobre um número reduzido de indivíduos, não estabelecendo as condições de massificação homogênea da ideologia de novo tipo o que poderia levar a inversão total da práxis, (ou seja, a transformação social). Porém, se estabelece concretamente como umas

das superestruturas dentro da sociedade, e por isso mesmo na seu recorte marginal de modificação da estrutura e da conformação de uma nova superestrutura, influenciam a dinâmica total da sociedade entre estrutura e superestrutura.

Neste sentido a transformação social é um movimento da cultura, pois é política é cultura, é no conhecer o real, a prática social em sua totalidade, que a modifica no mundo da vida. Gramsci ao encarar a política como cultura entende que o homem não é um ser limitado ou definido, mas um porvir, um estar sendo, um processo em construção, “criador de si mesmo”. É claro que existe uma individualidade, mas esta humanidade individual é composta também dos outros em sua relação cultural e pela natureza mediada pelo trabalho e pela técnica. Assim, é possível dizer que cada um transforma a si mesmo, se modifica, na medida que transforma e modifica todo o conjunto das relações que se insere, neste sentido conhecer essas relações no contexto individual e no processo da história, se transfigura como poder.

Essa “criação de si mesmo” não ocorre apenas na construção do homem individual mas também na construção do homem coletivo enquanto sociedades reais. Desta forma o homem é sua cultura, sua alimentação, vestuário, sua casa, sua família seu trabalho uma vez que nesses elementos da vida social, de maneira evidente e ampla no conjunto da massa, manifesta-se o conjunto das relações sociais.

Gramsci também vai dizer que a estrutura e a superestruturas (entendida como o conhecimento da realidade ou filosofia não definitiva) formam um bloco histórico em um conjunto complexo contraditório e discoradante como reflexo das relações sociais de produção. E nestas contradições apresentam-se iniciativas de inversão da práxis, ou seja uma mudança concreta na realidade e na estrutura. Assim a estrutura de força exterior que subjuga o homem, assimilando-o e o tornando passivo, transform-se em meio de liberdade, em instrumento para criar uma nova forma ético política. Para ele então se faz necessário os movimentos onde há passagem da contemplação, da concepção de mundo ao prática, ou seja, da filosofia à ação política e tornam-se assim reais e invertem a práxis. Na identidade de contrários, o materialismo e o idealismo se afirma a atividade humana, história e filosofia em concreto como ato histórico ligado a uma certa matéria organizada e a natureza transformada pelo homem, filosofia da práxis, a filosofia do ato.

“A análise destas afirmações, creio, conduz ao fortalecimento da concepção de bloco histórico, no qual, justamente, as forças materiais são

o conteúdo e as ideologias são a forma – sendo que esta distinção entre forma e conteúdo é puramente didática, já que as forças materiais não seriam historicamente concebíveis sem forma e as ideologias seriam fantasias individuais sem as forças materiais” (GRAMSCI, 1978 pg. 63)

Segue-se então descrever as construções culturais da Agroecologia na realidade, mesmo que pelo viés da academia. Para Altieri (1998) a Agroecologia busca através da gestão e análise de técnicas e tecnologias, aplicadas a agroecossistemas como unidade fundamental, abarcar os campos ecológico, sócio-cultural e econômico. A partir da visão agroecossistêmica, podem-se construir unidades saudáveis, produtivas, equilibradas e com baixo consumo energético externo, para que interações ecológicas gerem um equilíbrio complexo e dinâmico, protegendo as culturas e gerando fertilidade no solo.

Para Gliessman (2000) a Agroecologia proporciona o conhecimento e a metodologia necessária para desenvolver uma agricultura ambientalmente consistente, altamente produtiva e economicamente viável, algumas das bases da TS. “A Agroecologia é definida como a aplicação de conceitos e princípios ecológicos no desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis.” (GLIESSMAN, 2000).

Para Caporal et. al. (2005) a Agroecologia se propõe a ser uma nova matriz disciplinar, uma área científica de construção do conhecimento concebida de forma complexa, integrando e interagindo a concepção do conhecimento a partir das várias ciências já existentes e ainda dos saberes sociais e populares não reconhecidos pelo saber acadêmico.

Uma nova perspectiva onde o reducionismo científico, atualmente vigente, não consegue responder as questões da realidade “objetiva”, e assim seria necessário expandir a concepção científica para a perspectiva complexa da interrelação dos fatores na busca da inter, multi e transdisciplinaridade. Neste sentido contribuições de vários campos teóricos seguem integrando-se em torno do rural e compondo o conhecimento em Agroecologia como já se observa na Física, Economia Ecológica, Ecologia Política, Agronomia, Ecologia, Biologia, Educação, Comunicação, História, Antropologia e Sociologia. (CAPORAL et. al., 2005)

Segundo Altieri (1989) nas ciências clássicas se gera conhecimento criando situações experimentais parecidas com o sistema real e os observa sobre condições controladas. A formação do pensamento ocidental se fundamenta na construção do conhecimento útil e universal, que se aplique na realidade em qualquer situação e local que estiver. Pilares sobre os quais se pode formalizar que a ciência é sempre acumulativa e esta sempre em desenvolvimento.

Já na visão agroecológica, apesar de reconhecer as leis gerais da física, química e biologia, acredita a maneira de se inter-relacionarem e se combinar são complexas e únicas dentro de um determinado processo, principalmente porque envolve seres humanos e disputas de poder. A construção do conhecimento se dá baseada na observação da “evolução” das comunidades tradicionais e sua maneira de interagir com a natureza e resolver os problemas agrícolas.

Assim, existe a natureza de determinado lugar reflete a organização social, conhecimento, tecnologias e valores daquele povo, bem como a cultura desse povo é fortemente influenciada pelas condicionantes ecológicas deste local. Desta forma, a natureza das partes só pode ser entendida no contexto da **coevolução** como um todo, respeitando a história específica de cada agroecossistema.

Segundo Altieri (1989), então, a Agroecologia elege o agroecossistema como unidade de análise, constituindo-se num conjunto de elementos e relações complexas que interagem num espaço composto por produção agrícola, alocação de recursos físicos financeiros, comercialização e relações sociais envolvidas no caráter regional. Os agroecossistemas moldados pela agricultura de monocultura são instáveis e de baixa eficiência energética, a simplificação leva a fragilidade.

Com isso a Agroecologia traz novos elementos de análise do agroecossistema como a sustentabilidade, equidade, e estabilidade (manejo, econômica, cultural) que tem como objetivo otimizar a produtividade e melhor utilizar os recursos do sistema a longo prazo do que maximizar a produção no curto prazo, bem como promover a preservação ambiental, ser culturalmente sensíveis, socialmente justos e economicamente viáveis. (ALTIERI, 1989).

Um de seus grandes pilares é a preservação e ampliação da biodiversidade. Situação de sinergismo e interações complementares que geram cobertura vegetal contínua; produção diversificada de alimentos e outras utilidades; uso eficaz de recursos locais e fechamento do ciclo de nutrientes; múltiplo uso do território; não uso de insumos químicos que possam degradar o ambiente. (ALTIERI, 1987; HARWOOD, 1979; RICHARDS, 1985).

Para Altieri (1989) o conhecimento tradicional acumulado nas comunidades de agricultores ao longo de muitos anos possibilitou a criação de sistemas de auto-suficiência alimentar baseado em tecnologias simples de baixo uso de insumos. Situação que favorece a capacidade de tolerar riscos, aumentando a eficiência produtiva de misturas simbióticas de cultivos, utilização dos recursos germoplasmas locais e oferecendo habilidades para explorar toda gama do micro ambiente. E complementa:

“Outro elemento importante na discussão de sustentabilidade e Agroecologia é o fato de se reconhecer a importância do conhecimento tradicional dos agricultores, e mais do que isso criar soluções técnicas a partir de seus conhecimentos não o sobrepondo como na revolução verde.” (ALTIERI, 1998).

O laço de permanência na terra imprime um uso mais sustentável do ambiente mantendo ciclos de materiais e resíduos através de práticas eficientes de reciclagem. Práticas agrícolas voltadas para otimizar a produção a longo prazo e não maximizá-la a curto prazo, utilizando recursos locais e atentando para os limites espaciais e energéticos.

Tem-se observado que essa gama de conhecimentos fundamentou-se com o passar das décadas na observação precisa e na experimentação. Com isso desenvolveram-se estratégias produtivas inúmeras: diversidade e continuidade espacial e temporal da produção; otimização de uso do espaço e dos recursos; aumento de produtividade e uso mais eficiente de solo, nutrientes, água e radiação solar; reciclagem de nutrientes; conservação da água.

O uso da biodiversidade (ancorada em sistemas de policultivos, padrões agroflorestais e alta variabilidade genética de espécies) e de tecnologias simplificadas, além de diminuir os riscos de ataque de pragas, produz estabilidade produtiva a longo prazo e fornece grande gama de elementos necessários à rotina humana como materiais de construção, lenha, ferramentas, medicamentos, alimentos para os animais, utensílios gerais, combustível e artefatos religiosos.

Para Chambers (1983) a produção estável somente pode acontecer no contexto de uma organização social que projeta a integridade dos recursos naturais e estimule a interação harmônica entre os seres humanos, o agroecossistema e o ambiente. A Agroecologia fornece as ferramentas metodológicas necessárias para que a participação da comunidade venha a se tornar a força geradora dos objetivos e atividades de desenvolvimento. O objetivo é que os camponeses se tornem os arquitetos e atores de seu próprio desenvolvimento.

Segundo Altieri (1989) a Agroecologia busca assim, entender como os sistemas tradicionais se “desenvolveram” para aprimorar a ciência da ecologia, de forma a incorporar elementos a agricultura moderna para que essa possa ser feita de forma mais sustentável.

Caporal e Costabeber (2002) definem o conceito de Agroecologia como “ciência que estabelece as bases – princípios, conceitos e metodologias – para a construção de estilos de agricultura sustentável e de estratégias de desenvolvimento rural sustentável”.

Dessa forma a Agroecologia, mais que um modelo de agricultura de base ecológica, aborda a organização social, o comportamento econômico e a postura política que contribuem nas transformações sociais necessárias para gerar padrões de produção e consumo mais sustentáveis e equitativos.

Ou seja, não se pode conceber a Agroecologia como um tipo de agricultura, um sistema de produção ou uma tecnologia agrícola. Dentro da perspectiva da Agroecologia, os processos de manejo e de organização do agroecossistema devem estar integrados à cultura local de forma respeitosa e valorizada. Os saberes, valores, o modo de se organizar e os conhecimentos locais e tradicionais têm grande valor e relevância na construção de um modelo de agricultura e organização sobre os preceitos agroecológicos. Não só relevância, mas se configura como um dos pilares de construção de um novo paradigma. (CAPORAL e COSTABEBER, 2002).

“A agricultura, nesse sentido, precisa ser entendida como atividade econômica e sociocultural - uma prática social - realizada por sujeitos que se caracterizam por uma forma particular de relacionamento com o meio ambiente.” (SIMÓN FERNÁNDEZ e DOMINGUEZ GARCIA, 2001).

Se no campo enxerga-se a hegemonia do agronegócio e seu projeto político de ocupação territorial e exploração econômica e cultural, é possível verificar uma alternativa de resistência contra hegemônica, a Agroecologia. Todavia, para Gramsci, frente ao conflito hegemônico na busca de enfrentar a ordem estabelecida, a autoconsciência crítica é essencial ao processo de transformação. Neste ponto uma dialética atua sobre a ideologia, por uma lado existe uma concepção de mundo da atividade real, implícita na ação cotidiana, ou seja, na sua política; a outra como um fato intelectual, expressada na maneira de pensar, afirmada por palavras que em geral é construída externamente, estranha pois foi tomada emprestada de outro grupo social, de forma submissa e subalterna.

Porém essa dupla manifestação apresenta contradições que causam incômodos e críticas, e a partir destas é possível se elaborar uma outra ideologia, a da emancipação e para que este processo ocorra

se faz necessário a construção de intelectuais, que podem fortalecer a ligação entre teoria e prática, ou seja, não há organização sem intelectuais. Os intelectuais cumprem o papel da construção da filosofia, e o fazem como especialistas, que em sua sistemática de racionalização exercem o papel de inserir a história e a história das filosofias na formulação das ideologias. Na relação dialética entre teoria e prática que modifica a realidade, se faz a diferença entre o intelectual e o homem-massa, não de uma hierarquização, um posto ou cargo, mas de um papel, uma função especializada e necessária.

Para Gramsci (1978) esta organização só pode ganhar solidez cultural se a relação intelectuais-massa expressar a mesma unidade entre teoria e prática, ou seja uma elaboração intelectual capaz de tornar coerente os princípios e problemas reais que a massa coloca a partir de sua atividade prática, fonte das contradições a serem resolvidas transformando-se em vida e compondo o bloco cultural e social.

É curioso como a implementação da filosofia da práxis até a inversão total da práxis é apresentada um tempo histórico lento, descontínuo e discordante. Na Agroecologia se mostram evidências claras de uma aproximação intelectuais-massa num processo de reformulação ideológica comprometida com uma construção próxima entre teoria e prática. Também fica clara uma formulação diferenciada de concepção de mundo dos agricultores envolvidos na Agroecologia. Por outro lado a formulação intelectual em Agroecologia parece estar, ainda muito dependente, de cientistas acadêmicos descolados da prática política da Agroecologia, de sua construção prática e em poucos casos compartilham dela como militantes da luta política. A aproximação intelectual é mais forte no conjunto de lideranças e militantes dos movimentos sociais do campo dos grupos populares, assentamentos, acampamentos, povoados e comunidades rurais, porém ainda com dependência dos cientistas acadêmicos num sentido desejado na relação pedagógica de aproximação extrema e necessária da teoria e prática junto aos agricultores. Parece haver uma lacuna, essa relação não se manifesta no completo do mundo da vida, e sua multiplicidade de relações, a formulação intelectual em Agroecologia age na prática mas pelos vieses muito particular da técnica agrônoma, e as conexões ainda débeis e muito idealistas no que se refere ao mundo da vida.

Talvez o momento histórico atual exija que essa relação dialética entre teoria e prática, entendidas respectivamente como reflexões organizadas, atividade intelectual do conhecer a realidade e a prática cotidiana como política, seja extremizada. O coletivo dos agricultores devem ser os intelectuais de sua própria práxis para a construção de uma luta política e a relação orgânica embutida na filosofia da práxis seja levada ao seu grau mais agudo com potenciais reais de fazer uma disputa hegemônica e de constituir um processo de soberania popular e construção democrática também popular no campo.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: HUCITEC/ANPOCS/UNICAMP, 1992.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: As bases científicas da agricultura alternativa**; tradução Patrícia Vaz; rio de Janeiro 1989.

ALTIERI, M. **Agroecologia** - a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1998.

BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira. **Extensão Rural: Passado e Presente no discurso e na prática**. In: Introdução à Engenharia Agrícola. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1992.

BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira; NORDER, Luiz Antonio Cabello. **O que são assentamentos rurais**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira; NORDER, Luiz Antonio Cabello. **A Alternativa dos assentamentos rurais: organização social, trabalho e política**. São Paulo: Terceira Margem, 2003.

CAPORAL F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: enfoque científico e estratégico para apoiar o desenvolvimento rural sustentável** (texto provisório para discussão). Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2002. (Série Programa de Formação Técnico-Social da EMATER/ RS. Sustentabilidade e Cidadania, texto 5).

CAPORAL, F. R. & COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e Extensão Rural: contribuições para a promoção de desenvolvimento rural sustentável**. Brasília. MDA/SAF/DATER, 2007.

CAPORAL, F. R. & COSTABEBER, J. A. **Análise Multidimensional da Sustentabilidade: uma proposta metodológica a partir da agroecologia**. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v.3, n.13, jul/set 2002.

CAPORAL, F. R. & COSTABEBER, J. A. PAULUS, G. **Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável**. III Congresso Brasileiro de Agroecologia. Florianópolis, 2005.

CHAMBERS, R. **Rural development: putting the last first**. London: Longman, 1983.

CHAYANOV, Alexander. **The Theory of Peasant Economy**. Homewood, Richard Irwin, 1966.
apud Cyro Mascarenhas Rodrigues

CHAYANOV, A. V. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión.1974.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2000.

GRAMSCI, A. **A Concepção dialética da História**. Rio de Janeiro: MCivilização Brasileira S. A., 1978.

GUZMÁN CASADO, G.; GONZÁLEZ DE MOLINA, M.; SEVILLA GUZMÁN, E. (Coord.). **Introducción a la Agroecología como desarrollo rural sostenible**. Madrid: Mundi- Prensa, 2000.

HARWOOD, R. R. **Small farm development – understanding and improving farming systems in the humid tropics**. Boulder: Westview Press, 1979.

MARTINE, Gerorge. **Fases e Faces da Modernização Agrícola Brasileira**. Revista Planejamento e Políticas Públicas. V.1 – n.1 Brasília, 1989.

NORGAARD, R. A Base Epistemológica da Agroecologia. In: ALTIERI, M. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989 Aurora da humanidade

RICHARDSON, Roberto Jerry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3ª ed. São Paulo: Atlas. 1999.

SEVILLA GUZMÁN, E. **De la Sociología Rural a la Agroecologia**. Barcelona: Icaria editorial, s.a.2000.

SIMÓN FERNÁNDEZ, X.; DOMINGUEZ GARCIA, D. **Desenvolvimento rural sustentável: uma perspectiva agroecológica**. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, v. 2, n.2, 2001.

THOMAS, H. e FRESSOLI, M. **En busca de uma metodologia para investigar Tecnologias Sociais**. In: Dagnino, Renato Peixoto. (Org.). *Tecnologia Social: ferramenta para construir outra sociedade*. Brasília: Companhia de Comunicação, 2009.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**.10ª Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

